

APONTAMENTOS SOBRE A CONSTRUÇÃO DO INTERNACIONALISMO ANARQUISTA E SUA DISSEMINAÇÃO E CARÁTER NO SUL GLOBAL: O CASO BRASILEIRO EM PERSPECTIVA (1880-1910)

Kauan Willian dos Santos*

Resumo: Ancorado nos estudos preocupados em evidenciar os processos históricos em uma perspectiva global e não eurocêntrica, o presente artigo tem como objetivo traçar aspectos do anarquismo, movimento que emerge dos conflitos da classe trabalhadora no final do século XIX, em uma perspectiva transnacional, analisando primeiramente a construção do seu internacionalismo tendo como foco posteriormente seu caráter no caso brasileiro (especificamente nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo). Nesse caso, o esforço do artigo tem duas metas principais: realizar apontamentos que negam tal movimento como estanque da realidade ou como exógeno da realidade brasileira, tentando resgatar os aspectos que ocasionaram sua recepção e sua disseminação no país. E ao mesmo tempo, procuramos responder algumas questões referentes à construção do anarquismo em nível global, considerando outras regiões fora dos centros industriais europeus, fatores imprescindíveis também para a construção teórica a prática do internacionalismo anarquista.

Palavras-chave: História Global do Trabalho. Anarquismo. Internacionalismo. Sindicalismo. Imprensa

Conexões globais e o anarquismo na perspectiva transnacional

O movimento anarquista enquanto tema de pesquisa foi comumente abordado pela historiografia brasileira, principalmente envolvendo os temas do movimento operário, cultura proletária ou trabalhista, imigração e mais recentemente sobre as amplas iniciativas educativas que os militantes libertários disseminaram durante suas trajetórias no país. Não obstante, um desafio ainda sendo realizado é encarar suas razões de funcionamento fora dos limites geográficos estabelecidos de antemão. Tal perspectiva pode ser observada na pesquisa do historiador Alexandre Samis que reduziu seu foco em um personagem histórico privilegiado em sua trajetória militante transnacional, sem ao mesmo tempo, deixar de lado questões maiores como as reivindicações de classe. A partir de um estudo minucioso e na construção da biografia

* Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo (EFLCH - UNIFESP), bolsista CAPES. Membro do grupo de pesquisa “História, Memória e Patrimônio do Trabalho” na mesma instituição. Assistente Editorial na coleção “Estudos do Anarquismo” da Editora Prismas.

do militante anarquista Neno Vasco e de suas articulações políticas, o autor considerou que a proposta sindical embora comum à maioria dos trabalhadores nas primeiras décadas do século XX, estava intimamente ligada a uma experiência anarquista internacional em detrimento ao avanço do capitalismo industrial e do fortalecimento do Estado Nação. Refutando as teses de que o *sindicalismo revolucionário* e o movimento anarquista podem ser separados, Samis afirma:

Da mesma forma, podemos afirmar que a instituição do projeto revolucionário sindical uma conquista, se não de toda ela, mas de uma parte significativa da classe trabalhadora. Advento este que – invocando E.P. Thompson ao referir-se à autoconstrução da classe – jamais poderia ser considerada como tal ou sequer existir, sem a presença de atores sociais, boa parte deles com credenciais ideológicas muito bem definidas. É ainda relevante frisar, em um número razoável de casos, e certamente no brasileiro e no português, que o sindicalismo revolucionário cresceu como oposição a um significativo reformismo socialista; e que, antes do bolchevismo, corrente que só pode ser considerada após 1917, representou o anarquismo a única ideologia claramente revolucionária com densidade suficiente para fornecer aos sindicalistas inspiração política...¹

Através de sua pesquisa, o autor joga luz para um debate que parecia ter sido respondido e encerrado, sobre as estratégias e vertentes dos anarquistas frente ao sindicalismo. Samis negou os rótulos historiográficos convencionais que colocam o *anarcossindicalismo* aos anarquistas que participavam dos organismos e debates sindicais e o *anarco-comunismo* para os militantes libertários que negavam estes. Para o autor, dentro da ideologia anarquista, o debate *anarco-comunista* foi a influência maior entre os libertários no Brasil, já que a grande parte se viam inseridos nas preposições do ativista Errico Malatesta, expoente dessa discussão contemporânea ao período, das primeiras décadas do século XX. Dentro desse movimento existiam duas tendências, uma primeira chamada de *antiorganizacionismo* que, de fato, negava a atuação em ambientes sólidos e estáveis, desconfiando de possíveis solidificações de poderes e decisões, e atuavam em grupos livres de propaganda. E outra, *organizacionista* que “*viam no sindicato um excelente meio para unir trabalhadores e fazer a necessária propaganda*”² objetivando tanto a conscientização quanto a quebra efetiva com o sistema capitalista industrial. No entanto, por sua vez, dentro desse ramo organizacional existiriam duas práticas políticas, uma que acreditava que os militantes libertários deveriam criar sindicatos autodeclarados anarquistas (*anarcossindicalismo*),

¹ SAMIS. “*Minha pátria é o mundo inteiro*”: Neno Vasco, anarquismo e as estratégias sindicais nas primeiras décadas do século XX. Tese (doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2009. p. 260

² Idem. p.96

e outra, que afirmava que os anarquistas deveriam adentrar dentro dos sindicatos de forma pessoal e reivindicar a neutralidade deste, porém, não deixando de se articular politicamente em redes anarquistas sólidas e ideologicamente estáveis (*dualismo organizacional*³), posição militante que será impulsionada entre os libertários no período, em âmbito global, como o próprio personagem Neno Vasco.

Esse trabalho nos exemplifica a proposta de Marcel van der Linden que apresenta a *História do Trabalho Global* como uma “*área de interesse*” cada vez mais crescente, que visa interpretar a história do capitalismo e dos trabalhadores a partir de conexões e o alargamento de limites cronológicos, conceituais e de espaço:

No que diz respeito a *temas*, a História Global do Trabalho focaliza o estudo transnacional e até mesmo transcontinental das relações de trabalho e movimentos sociais dos trabalhadores no sentido mais amplo da palavra. Por “transnacional” quero dizer a inserção de todos os processos históricos, não importa o quão geograficamente “pequenos”, em um contexto mais amplo, por meio da comparação com os processos em outro lugar, do estudo dos processos de interação, ou de uma combinação dos dois. O estudo das relações de trabalho engloba o trabalho, bem como o não-livre; o pago, bem como o não-pago. Movimentos sociais dos trabalhadores consistem tanto de organizações formais quanto de atividades informais. O estudo das relações dos movimentos sindical e social exige que igual atenção seja dedicada ao “outro lado”(empregadores, autoridades públicas). [...] Não há limites em relação à perspectiva temporal, no entanto, diria que, na prática, a ênfase está no estudo das relações de trabalho e dos movimentos sociais trabalhistas que se desenvolveram ao longo do crescimento do mercado global desde o século XIV.⁴

O autor ainda recusa a ideia que os movimentos sociais, políticos e trabalhistas sejam mais avançados nas áreas industrializadas europeias e foram disseminadas de “de cima para baixo” nas regiões do Atlântico Sul ou orientais. Ao contrário, essas ideias foram sendo construídos a partir do contato, exploração e luta que envolviam diversas partes do mundo. Entre as pesquisas relevantes nesse campo podemos citar a obra de Peter Linebaugh e Marcus Rediker em “*A Hidra de Muitas Cabeças: marinheiros, escravos, plebeus e a história oculta do Atlântico Revolucionário*”, no qual os autores buscam a formação do capitalismo e de suas resistências com o enfoque no atlântico marítimo e na circulação de ideias e experiências de dominação e conseqüentemente de formas variadas de conflito e resistência. Ao contar a formação do capitalismo na Inglaterra desde o início do século XVII dentro e fora do seu território, os autores dão atenção para novos personagens

³ Para adentrar o debate sobre as formas de organização entre os anarquistas ver CORRÊA, Felipe. “Questões organizativas do anarquismo”. In: *Espaço Livre*. Vol. 8, num. 15, jan. jun./2013. p.33-48.

⁴ Ver LINDEN, Marcel van der. “História do Trabalho: O Velho, o Novo e o Global”. In: *Revista Mundos do Trabalho*, v.1, n.1. 2009. p. 18-19.

como marinheiros, piratas, escravos e lugares influenciados por essa expansão, mas que também apresentavam resistências e adaptações particulares a esse fenômeno, como o Haiti, Itália, Irlanda, França e até no continente Africano. Entre os fatores mais relevantes que os autores destacavam em sua análise são as possíveis *conexões* que, “*no decorrer dos séculos, têm sido geralmente negadas, ignoradas, ou simplesmente passaram despercebidas, mas que, apesar disso, influenciaram profundamente a história do mundo em que todos vivemos e morremos*”.⁵ Desse modo, também tentaram barrar a interpretação da formação da classe operária dentro de nacionalismos ou etnicismos fechados em si mesmos, já que afirmam que a nova classe, que se formava nesse processo, era multiétnica e que sua resistência somente apresentou um caráter ameaçador para as classes dominantes porque foi, muitas vezes, internacional e diversas vezes uniu a experiência e a cooperação de “*tipos diferente de gente*.”⁶

Outra preocupação que surgiu a partir dessa perspectiva é revelar como os sujeitos históricos em suas trajetórias individuais, especialmente os que podem condensar projetos políticos e ideológicos, mesclam suas peculiaridades com dimensões maiores e transitam em meio ao um contexto social, político e cultural reinterpretando tradições com necessidades e experiências maiores. O estudo desses indivíduos é essencial para evidenciar complexidade dentro de um processo histórico mas igualmente por serem *mediadores espaciais* responsáveis por disseminarem projetos políticos e ideológicos dentro de espaços diferentes, impulsionando as lutas classistas.⁷ O autor Mike Savage continua:

No lugar de inquirir quem é o mais importante, se é o local, se é o nacional, no caso de suas respectivas importâncias poderem ser pesadas e medidas, é melhor examinar não só as complexas interligações entre níveis espaciais distintos, mas também como mediadores espaciais – pessoas capazes de se moverem entre as escalas espaciais – podem vir a ter um papel-chave na geração de formas de mobilização política.⁸

⁵ LINEBAUGH, Peter; REDIKER, Marcus. *A hidra de muitas cabeças: marinheiros, plebeus e a história oculta do Atlântico revolucionário*. São Paulo: Cia das Letras, 2008. p.15

⁶ Idem. p.37

⁷ Entre as pesquisas dotadas dessa linha interpretativa ver: SAMIS, Alexandre. “*Minha pátria é o mundo inteiro*”: *Neno Vasco, anarquismo e as estratégias sindicais nas primeiras décadas do século XX*. Tese (doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2009; SCHMIDT, Benito. B. *Uma reflexão sobre o gênero biográfico: a trajetória do militante socialista Antônio Guedes Coutinho na perspectiva de sua vida cotidiana* (1868 – 1945). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996 e ROMANI, Carlo. *Oresti Ristori: Uma aventura anarquista*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1998.

⁸ SAVAGE, Mike. “Classe e História do Trabalho.” In: BATALHA, Claudio; SILVA, Fernando Teixeira; Fortes, Alexandre (org). *Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004. p. 25-48.

Pegando o mote no debate apresentado, podemos afirmar que alguns autores dotados sobre o interesse que busca entender a classe trabalhadora em níveis que transcendam os espaços nacionais e locais, que procuraram responder questões não apenas centradas nos conflitos materiais, mas incorporaram análises de cunho minucioso da história de vida dos agentes participantes em confronto direto com suas possíveis redes de influência ideológica e prática, encarnadas em seus próprios sistemas de valores, tradições específicas e trocas de experiência mas evidenciando responder questões mais amplas como a construção dos embates nacionais ou a formação das consciências e lutas de classe, serão responsáveis por legitimar novamente uma história da organização entre os trabalhadores e de seus vetores e propostas políticas. Nesse sentido, adentrar no caso específico do anarquismo e sua relação com áreas como o Brasil torna-se central para compreender algumas dessas problemáticas.

O Internacionalismo e o transnacionalismo na cultura política anarquista.

A atuação de Mikhail Bakunin e dos coletivistas, autointitulados como socialistas libertários, no interior da Primeira Internacional, foi responsável por posicionar, de forma mais clara, os descentralistas socialistas sobre os temas derivados da luta econômica e política, como o antimilitarismo, anticlericalismo, educacionismo, a relevância na participação de organismos classistas, as formas de adesão dos camponeses aos ambientes de reivindicação, as discussões sobre igualdade de gênero, anti-imperialismo, anti-étnicismo e outros pontos,⁹ como podemos observar parcialmente no programa apresentado pelos ativistas:

1º) a abolição dos cultos; 2º) a igualdade política, econômica e social para os indivíduos dos dois sexos; 3º) o direito para todas as crianças à instrução e à educação as mais amplas possíveis em todos os campos da cultura e do trabalho; 4º) a recusa de “toda a ação política que não tenha por objetivo imediato e direto o triunfo da causa dos trabalhadores contra o capital”; 5º) declara que “os Estados políticos e autoritários atualmente existentes deverão desaparecer na união universal das livres associações, tanto agrícolas quanto industriais”; 6º) que “a questão social, não podendo encontrar sua solução definitiva e real senão na base da solidariedade internacional dos trabalhadores de todos os países, a Aliança rejeita toda política fundada no,

⁹ Ver CORRÊA, Felipe. *Ideologia e Estratégia: Anarquismo, movimentos sociais e poder popular*. São Paulo: Editora Faisca, 2011. p.48-49.

por assim dizer, patriotismo e nas rivalidades das nações”; 7º) quer “a associação universal de todas as associações locais pela liberdade”.¹⁰

É importante observar que o choque entre duas propostas políticas não pode ser resumidos em confrontos pessoais e egocêntricos de indivíduos. Antes, as propostas socialistas, centralizadoras ou descentralizadoras, faziam parte de um debate operário que tomava contornos sedimentados por meio do confronto de ideias e experiências, através de coligações militantes.¹¹ Evidentemente, tais propostas foram materializadas sobre a visão de Marx e Bakunin, mas a presença de outros personagens é imprescindível para o desenvolvimento das nascentes culturas políticas no período. Além de ativistas e teóricos, a associação contava com atuação de trabalhadores, dos mais variados ofícios, de diversas regiões europeias, na forma de delegados e participantes nos congressos da Primeira Internacional.¹²

Da mesma maneira, a estratégia de militância de Bakunin não era personificada, o ativista contava com a dianteira da Aliança da Democracia Socialista, que tomava forma desde 1864 em sua militância na Itália. De um lado, impulsionava ambientes trabalhistas de caráter neutro, de outro, esse grupo teria a função de condensar projetos revolucionários com densidade suficiente para atuar de forma clara e objetiva no interior dos órgãos trabalhistas e insurreições.¹³ Portanto, sua dúbia associação na Internacional, se justificava:

A Aliança é o necessário complemento da Internacional. Mas a Internacional e a Aliança, ainda quando têm a mesma finalidade, ao mesmo tempo perseguem objetivos diferentes. Uma tem a missão de agrupar as massas operárias, os milhões de trabalhadores, através dos diferentes países e nações, através das fronteiras de todos os estados; a outra, a Aliança, - tem a missão de dar a estas massas uma orientação realmente revolucionária. Os programas de uma e de outra, sem que de modo algum sejam opostos, são diferentes pelo grau de seu respectivo desenvolvimento. O da Internacional, se o

¹⁰ Programa da Aliança da Democracia Socialista citado em LEVAL, Gaston; BAKUNIN, Mikhail. *Bakunin: Fundador do sindicalismo revolucionário: a dupla greve geral de Genebra*. São Paulo: Imáginário, Faisca, 2007.p. 31.

¹¹ SAMIS, Alexandre. “Os Primeiros Congressos”. In: *Negras Tormentas: o federalismo e o internacionalismo na Comuna de Paris*. São Paulo: Hedra, 2011. p.131-156

¹² Na análise minuciosa de Alexandre Samis, no segundo congresso, entre 2 e 7 de setembro de 1867, “Paris elegeu nove delegados; Tolain, Murat (mecânico), Fribourg, Chemalé (Arquiteto), Martin (Impressor de tecido), Garbe (funileiro), Pioley (mecânico), Raymond (litógrafo) e Beaumont (cinzelador). Lyon enviou Schettel e Palix (mecânicos); Neuville-sur-Saône, Rubaud (impressor de tecidos); Villefranche, Chassin (vinhateiro); Vienne – departamento de Isère -, Ailloud (alfaiate); assim como de Marselha, Fuveau, Bordeaux, Rouen, Caen e Conde-sur-Noireau viram os delegados Vasseur (funileiro), Vézinaud (sapateiro), Aurby e Longuet (*ex-redator de La Rive Gauche*).” SAMIS, Alexandre. *Op. Cit.* p. 139.

¹³ GODOY, Clayton Peron. *Ação Direta: transnacionalismo, visibilidade e latência na formação do movimento anarquista em São Paulo (1892-1908)*. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade de São Paulo, 2013. p.44 e CÔRREA, Felipe. *Op.cit.* 2013.p.37-41.

tomamos com toda a seriedade que exige o caso, contém em germe, mas só em germe, todo o programa da Aliança. O programa da Aliança é a explicação última do programa da Internacional.¹⁴

Alguns militantes e delegados na A.I.T, como Karl Marx, não aceitavam a prática dualista da A.D.S no interior da associação, pois levaria, na visão desses, o enfraquecimento de sua proposta original, da decisão das estratégias de atuação das entidades dos trabalhadores de forma centralizada e linear entre os membros da Internacional, e da não adesão de outras entidades internacionais concorrentes na associação. A promessa de Bakunin para a diluição de seu vetor político prático não aconteceu, pois o ativista não enxergava a atuação da ASD como oposição à Internacional, mas como um complemento necessário de difusão revolucionária. Como resultado das denúncias dos centralistas como Marx, em 1872, os aliancistas foram exceptuados da A.I.T, e a cede da associação transferida estrategicamente para Nova Iorque.¹⁵

Era tarde demais, o anseio dos centralistas e sociais-democratas em deter o avanço da bandeira negra não barrou seu internacionalismo prático. Como uma árvore profundamente enraizada no movimento operário, era impossível barrar o nascente anarquismo e seus frutos, no interior dos ambientes trabalhistas e insurrecionais do mundo inteiro.¹⁶ A A.D.S possuía representantes na Inglaterra, Rússia, Itália, França, Espanha, Suécia, Noruega, Dinamarca, Bélgica e outras regiões.¹⁷ Os jornais contendo as ideias anarquistas, mesmo de forma controversa, se expandiam em proporções avassaladoras; em 1885, a Argentina presenciava o periódico militante *Questione Sociale*, que contava com articulações internacionais;¹⁸ na década de 1890 os primeiros jornais anarquistas no Brasil, *Gli Schiavi Bianchi*, *La Bestia Umana* e *L'Asino Umano*, marcavam sua presença.¹⁹ Na Itália, na década de 1880, ativistas importantes como Errico Malatesta e Pietro Gori, impulsionavam fortes movimentos contestatórios, disseminando o anarquismo entre os artesãos e os pequenos comerciantes subalternos e

¹⁴ BAKUNIN, Mikhail. *Escritos contra Marx: conflitos na Internacional*. Brasília: novos tempos, 1989. p.44

¹⁵ COLOMBO, Eduardo. *História do Movimento Operário Revolucionário*. São Paulo: Imaginário, 2004. p.22-29

¹⁶ SCHMIDT, Michael; Walt. Lucien van der. *Black Flame: the revolutionary class politics of anarchism and syndicalism*. Oakland: Ak Press, 2009.

¹⁷ Idem. p.33-60.

¹⁸ COLOMBO, Eduardo. “A F.O.R.A. O finalismo revolucionário”. In: _____. *Op.cit.* p.79.

¹⁹ LEAL, Claudia. *Pensiero e Dinamite: Anarquismo e repressão em São Paulo nos anos de 1890*. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2006. p.149-204.

também sobre a forma de associações com respaldo social.²⁰ Além disso, a presença das ideias anarquistas chegavam nas regiões da África meridional e do sul desde o final do século XIX,²¹ e sobre a forma de insurreições marcantes, nos E.U.A.²² Em questões de décadas, organizações operárias de orientação libertária se formaram também no Pacífico e no continente asiático.²³

O desenvolvimento do anarquismo, teórico e prático, levava em conta necessidades e experiências internacionais, fatores imprescindíveis para a construção de sua cultura política e seu sucesso, em um primeiro momento. Paradoxalmente, de outro lado, essa poderosa disseminação transformaria sua recepção e suas metamorfoses, de caráter transnacional, incontrolláveis.²⁴ Não obstante, sem hesitar, os ativistas anarquistas tentavam produzir uma linguagem e um corpo teórico-ideológico para salvaguardar e conservar aspectos políticos próprios, construindo igualmente o compartilhamento de símbolos, referências e princípios norteadores para os membros de suas redes militantes. Nesse sentido, Godoy afirma que

A circulação de ideias, de artefatos culturais, de notícias, de formas de ação e de modelos organizacionais, bem como a mobilidade constante de ativistas, indicam o compartilhamento da noção de pertencimento a um mesmo projeto transnacional, produzindo laços entre organizações e ativistas de vários países, alimentando redes que sustentavam o movimento e criando ligações simbólicas entre episódios políticos ocorridos em diferentes localidades do globo.²⁵

Para contar com essa posição e projeto internacional, de fato, a trajetória do anarquismo enquanto movimento político tinha muitas referências e ideais de resistência

²⁰ ROMANI, Carlo. *Op.cit.* p. 15

²¹ Ver VAN DER WALT, Lucien. “Negro e Vermelho: anarquismo, sindicalismo revolucionário e pessoas de cor na África Meridional nas décadas de 1880-1920.” In: *Revista Mundos do Trabalho*, vol. 2, n. 4, agosto-dezembro de 2010, p. 174-218.

²² PORTIS, Larry. “Os I.W.W. e o internacionalismo”. In: COLOMBO, Eduardo. (org.). *Op.cit.* p.55-60

²³ Ver HWANG, Dongyoun. “Korean Anarchism before 1945: a regional and transnational approach.” In: HIRSCH, Steven; VAN DER WALT, Lucien (org.). *Anarchism and Syndicalism in the Colonial and Postcolonial World, 1870-1940: The praxis of national liberation, internationalism and social revolution*. Leiden, Brill, 2010. p.95-130.

²⁴ É preciso marcar as diferenças entre “internacionalismo” e “transnacionalismo” usado em muitas pesquisas de forma indiscriminada. O Internacionalismo se refere aos movimentos, aqui dentro dos debates socialistas, que consideraram a importância de participação de diferentes povos, nacionais e étnicos, para a construção da sociedade igualitária. Mas, como Benedict Anderson alerta, esse intuito não descartou a influência do ideário étnico ou nacional na circulação de ideias e experiências revolucionárias. Em alguns casos, na passagem transnacional, o nacionalismo, por vezes, impregnava os discursos internacionalistas, adaptando os movimentos como o socialismo, anarquismo e o sindicalismo revolucionário. Para o estudo de casos particulares ver. ANDERSON, Benedict. *Under three Flags: anarchism and the anti-colonial imagination*. London: Verso, 2005.; TOLEDO, Edilene. *Travessias Revolucionárias: ideias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890 – 1945)*. Campinas: Unicamp, 2004.

²⁵ GODOY, Clayton. *Op.cit.* p. 28.

bem anteriores, que não foram consonantes em muitos casos. No entanto, é necessário cautela em retroceder nas possíveis influências na constituição desse movimento. O movimento anarquista foi sendo construído a partir de elementos e símbolos revolucionários presentes da sociedade oitocentista, sobre o prisma e compartilhamento de experiências e conflitos comuns de sua própria realidade em um contexto próprio. Benedict Anderson em “*Under three Flags: anarchism and the anti-colonial imagination*” afirmou que o anarquismo também foi, primeiro que o marxismo, o movimento no interior dos debates socialistas com maior envergadura internacional no final do século XIX até as primeiras décadas do século XX.²⁶ O anarquismo também reflete o nascimento da “*Primeira Globalização*”, movimento atrelado ao avanço do capitalismo que proporcionou o desenvolvimento dos transportes e das comunicações de maneira inédita. Essa troca de ideias e experiências também foi caracterizada pela intensificação dos contatos entre pessoas e países, com as conquistas coloniais e as migrações em massa, criando ambientes em potencial para a difusão e conexão do nacionalismo e do anarquismo. Para Anderson, o Estado Nacional surge exatamente dessa troca de ideias, mas à medida que a Revolução Industrial e suas tecnologias se apresentaram de maneira transnacional, resultou igualmente na proliferação de discursos e símbolos, principalmente pela imprensa, que ressaltavam ligações, muitas dessas invisíveis e artificiais, entre diversos grupos dentro de uma unidade territorial, criando um possível pertencimento de grupo em detrimento de outro.²⁷

Entendemos que o anarquismo, dessa maneira, está situado no interior dessa expansão. De certo, como ainda firma Benedict Anderson, muitas vezes as conexões e a relação entre anarquismo e nacionalismo e a constituição dos dois movimentos pode ser mais íntima do que pensado anteriormente. Para autor, mesmo culturas políticas internacionalistas não estavam protegidas da expansão do nacionalismo que era disseminado nos vetores comunicacionais e portanto nos imaginários culturais e sociais. Dessa maneira, o trânsito de personagens entre países, incluindo ativistas, reproduzia e disseminava símbolos nacionalistas ou ideários étnicos, muitas vezes de forma inconsciente.²⁸

²⁶ ANDERSON, Benedict. *Under three Flags: anarchism and the anti-colonial imagination*. London: Verso, 2005.

²⁷ ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

²⁸ ANDERSON, Benedict. *Op.cit.* 2005.

De fato, os militantes anarquistas não estavam estanques de suas realidades e portanto não estavam imunes a ideários contemporâneos e muitas vezes divergentes de sua ideologia. Não obstante, pela sua própria construção teórica internacional, nos seus discursos políticos e muitas vezes na própria prática, se opôs sistematicamente ao surgimento do Estado-Nacional, propondo em resposta - bem como outros movimentos socialistas - o internacionalismo operário. Desse modo, percebendo, e sem deixar de apreender a realidade e criticar, de sua maneira particular, que essa difusão internacional de ideias, inclusive o nacionalismo, esmagava unidades minoritárias, almejava de forma incisiva a divisão da sociedade em federações descentralizadas que respeitariam as especificidades culturais revelando a autonomia de sua população tanto política quanto econômica. O ativista Mikhail Bakunin marca sua posição, e em 1872, escreve:

A solidariedade que pedimos, longe de dever ser o resultado de uma organização artificial ou autoritária qualquer, só pode ser o produto espontâneo da vida social, tanto econômica quanto moral; o resultado da livre federação dos interesses, das aspirações e das tendências comuns. Ela tem por bases essenciais a igualdade, o trabalho coletivo, tornado obrigatório para cada um não pela força das leis, mas pela força das coisas, e a propriedade coletiva; por luz norteadora a experiência, isto é, a prática da vida coletiva, e a ciência; e por objetivo final a constituição da humanidade, conseqüentemente, a ruína de todos os Estados.²⁹

De acordo com sua apreensão da realidade, com anseios e propostas de mudança, visando uma sociedade futura, a *ideologia* anarquista será constituída.³⁰ O autor Felipe Corrêa a partir de um denso debate bibliográfico e teórico crítico, considerando uma ampla gama de autores contemporâneos e posteriores ao surgimento do anarquismo, contrastando-os com as visões produzidas em decorrência destas, reclama que o movimento anarquista possui um conjunto preciso de princípios; a elaboração racional de críticas, mesmo que não possam ser comprovadas cientificamente, proposições e estratégias fundamentais sobre a realidade, almejando a

²⁹ BAKUNIN, Mikhail. Op.cit., 1989. p.18

³⁰ Corrêa não está se referindo à ideologia como falsificação da realidade. O autor, reclama os conceitos da Federação Anarquista Uruguia e de Stoppino para defender que o anarquismo transcende uma simples teoria, mas se compõe através de ação e pensamento de forma contínua e dialética. O anarquismo não pode ser comprovado cientificamente, porque une a apreensão de seus organizadores sobre a realidade com anseios e propostas futuras (valores, aspirações). Não obstante, ao mesmo tempo “a ideologia anarquista fornece as bases estratégicas para intervenções políticas que têm como objetivo transformar as relações de poder” e “no intuito de intervir politicamente na realidade, com vistas a transformar as relações de poder, estabelece objetivos, leituras da realidade e estratégias e táticas adequadas para tal intervenção. Seus objetivos são socialistas e libertários e visam criar um sistema de autogestão; suas leituras da realidade estabelecem críticas, estruturais e conjunturais, dos sistemas de dominação; suas estratégias são coerentes com seus objetivos revolucionários.” CORRÊA, Felipe. *Op.cit.* p.81-84

destruição de esferas distintas de poder, e impacto popular entre trabalhadores nas cidades e nos campos, apresentando desenvolvimento histórico global, inclusive depois da segunda metade do século XX.³¹

Para a formulação disso, algumas influências, potencializadas em contextos econômicos e sociais precisos talvez foram determinantes para o anarquismo. Com base nessa percepção, estudiosos, influenciados posteriormente pela perspectiva “*global do trabalho*”³², puderam realizar pesquisas que deixaram evidente o surgimento e as formas hegemônicas de atuação política do movimento anarquista e sua significância entre os movimentos trabalhistas. Esse é o intuito dos autores sul-africanos Michael Schmidt e Lucien van der Walt na obra “*Black Flame: the revolutionary class politics of anarchism and syndicalism*”, no qual apresentam um estudo empírico do movimento anarquista e suas articulações em âmbito global. Os autores coletaram documentos e informações de diversas organizações e práticas anarquistas entre o final do século XIX e principalmente do XX, concentrados em reavaliar o papel desse movimento nos espaços sindicais e políticos no mundo. Dessa forma, foi possível observar práticas mais usuais e hegemônicas entre os grupos, a partir de uma comparação internacional, mas também especificidades, quando contrastados com propostas específicas. Schmidt e Van der Walt, dotados por um prisma sociológico e histórico, tentaram buscar as origens do movimento e defendem que:

o termo anarquismo deve ser reservado a um tipo particular, racionalista e revolucionário, de socialismo libertário que surgiu na segunda metade do século XIX. O anarquismo era contra a hierarquia econômica e social, assim como a desigualdade – e especificamente, do capitalismo, do poder dos proprietários de terra, e do Estado – e defendia uma luta de classes internacional e uma revolução vista de baixo por uma classe trabalhadora e um campesinato auto-organizados, com o objetivo de criar uma ordem social autogerida, socialista e sem Estado. Nesta nova ordem, a liberdade individual estaria em harmonia com as obrigações comuns por meio da cooperação, da tomada de decisões democrática e da igualdade econômica, social e a coordenação econômica aconteceria por meio de formas federais. Os anarquistas enfatizaram a necessidade de meios revolucionários (organizações, ações e idéias) para prefigurar os fins (uma sociedade anarquista). O anarquismo é uma doutrina libertária e uma forma de socialismo libertário; portanto nem todos os pontos de vista libertários ou socialistas libertários são anarquistas.³³

³¹ CORRÊA, Felipe. *Op.cit.* p.79-100

³² Ver VAN DER LINDEN, Marcel. *Trabalhadores do Mundo: Ensaio para uma história global do trabalho*. Campinas – Sp, Editora da Unicamp, 2013.

³³ SCHMIDT, Michael ; VAN DER WALT, Lucien. *Black Flame: the revolutionary class politics of anarchism and syndicalism*. Oakland: Ak Press, 2009. p.71 Tradução nossa.

Através dessas questões é possível adentrar o estudo do anarquismo enquanto movimento político e social no contexto dos conflitos da classe trabalhadora e dos grupos subalternos³⁴, a partir da metade do século XIX, tomando forma nas décadas finais desse período, no interior dos debates socialistas, em oposição ao nascimento do capitalismo industrial em confronto e relação com as tradições políticas e filosóficas das classes baixas. Entendendo o movimento dentro de um contexto histórico, Rafael Viana da Silva afirma ser

Muito mais do que uma mera construção teórico-filosófica, o anarquismo fincou sua raiz exatamente no interior das discussões sobre quais seriam os meios de se atingir a sociedade socialista: discussões que se davam no contexto das lutas da classe trabalhadora. As divergências acerca de quais seriam as melhores estratégias para conduzir os trabalhadores acabaram por conformar a própria tradição anarquista e definir também as diferenças desta tradição com outros campos do socialismo, como o de matriz marxista. Reduzir o anarquismo, ao simples e vago, epíteto de “rejeição ao estado” não é suficiente para caracterizar a ideologia anarquista. Isto por que, toda luta e contestação social supõe interpretação e elucidação desta luta e perspectiva e vontade política daquele que elucida e interpreta.³⁵

Disseminação e construção do anarquismo no Brasil

Como anteriormente citado, uma das razões para a grande circularidade de ideias, tanto das áreas primeiramente industrializadas para as demais ou vice-versa foi possível graças ao avanço da tipográfica e da disseminação da imprensa, principalmente na sociedade ocidental mas com conexões irreversíveis após a metade do século XIX. No caso brasileiro, nesse período, Heloisa Cruz demonstra que a cultura letrada e a

³⁴ Embora nosso recorte esteja ligado ao anarquismo no interior dos debates trabalhistas, principalmente sindicais, estamos considerando o alargamento do próprio conceito “*trabalhadores*”, “*classe operária*” e “*classe proletária*”. Como Marcel Van der Linden adverte é necessário alargar o termo de classe trabalhadora e classe proletária para todos os grupos que foram explorados pelo avanço do capitalismo industrial. Não apenas os trabalhadores no interior das fábricas que produzem prioritariamente a mais-valia, mas todos os grupos que partilham experiências com esses e compõem a realidade imposta pela economia e política reconfigurada de caráter capitalista. O autor agrega os grupos subalternos marginalizados por esse sistema e afirma que “A concepção de “classe trabalhadora” é também digna de um estudo crítico. Parece que este termo foi inventado no século XIX para identificar um grupo dos chamados trabalhadores “respeitáveis”, em oposição a escravos e outros trabalhadores sem liberdade, os auto-empregados (pequena burguesia) e pobres excluídos, o lumpemproletariado. [...] Teremos que vislumbrar uma nova conceituação que seja menos orientada para a exclusão que para a inclusão de vários grupos de trabalhadores dependentes ou marginalizados. Temos que reconhecer que os trabalhadores assalariados “reais”, que estavam dentro das atenções de Marx, isto é, trabalhadores que, como indivíduos livres, podem dispor de sua própria força de trabalho como sua própria mercadoria e não têm outra mercadoria para a venda, são apenas uma das formas que o capitalismo encontra para transformar força de trabalho em mercadoria. Há muitas outras formas que demandam igualmente atenção, como escravos, aprendizes, meeiros, etc.” VAN DER LINDEN, Marcel. *Op.cit.* 2009, p. 23

³⁵ SILVA, Rafael. V. *Indelévels Refratários: as estratégias políticas anarquistas e o sindicalismo revolucionário no Rio de Janeiro em tempos de redemocratização (1946-1954)*. Dissertação (Monografia em História). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011. p.22-23.

imprensa, acompanhando a grande difusão de ideias e transformações sociais, “começaria decididamente a avançar para além das elites tradicionais.”³⁶ Para a autora, no contexto da formação da nação brasileira, a imprensa assumiu um papel fundamental, inclusive de articulação e legitimação de projetos políticos e de processos e práticas culturais. A imprensa de bairro ou operária, ligada especialmente a ascensão da tipografia nos polos industriais, continuará com esses aspectos, mas desta vez, aproximando o “jornalismo do cotidiano da vida urbana.”³⁷

Dessa modo, a imprensa, já usada por outros setores políticos e sociais, caía como uma luva para os anarquistas. Propositamente ou não, servia como ferramenta de disseminação de ideários e símbolos para sua família política, também como órgão aglutinador de grupos e redes militantes e, igualmente, tentavam convencer as classes subalternas à adesão de seus princípios e estratégias revolucionárias ou simplesmente organizavam os movimentos e associações com o caráter de resistência.³⁸

Esse instrumento também acabava por criar pontes entre militantes de regiões diferentes, possibilitando o intercâmbio de realidades e de formas de atuação. O jornal *Guerra Sociale*, escrito a partir de 1915, condensava esse caráter de maneira evidente, articulando os congressos operários internacionais aos seus leitores em São Paulo:

Após o Congresso de Zimmerwald, que tinha o objetivo de dar nova vida à 'International', os jornais anarquistas que ainda estão sendo publicados em nosso querido país, *O Libertário* de Spezia e o *L'avennire Anarchico* de Pisa, apareceram escritos polêmicos e artigos críticos, dessa conferência e sobre os relatórios de exemplo que poderia correr entre anarquistas e socialistas.³⁹

Os debates internacionais, principalmente a partir do século XX, não ocorriam apenas de áreas centrais (industrializadas), do atlântico norte para as outras, como se a ideologia estivesse pronta e repassada sem transformações para outras regiões. As próprias decisões do andamento do anarquismo enquanto movimento internacional se deveu graças à atuação e discussão nos ambientes colonizados ou que os resquícios da escravidão ou do imperialismo atuaram de maneira mais intensa. Os militantes tentavam tencionar a cultura política anarquista através dessas realidades e ao compor diferentes espaços, abriam discussões nos ambientes operários, anarquistas e socialistas de forma

³⁶ CRUZ; Heloisa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana -1890-1915*. São Paulo: EDUC, FAPESP, 2000. p.25

³⁷ Idem. p.71

³⁸ Para um estudo de caso ver KHOURY, Yara Aun. “Edgard Leuenroth, anarquismo e as esquerdas no Brasil.” In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. *Op.cit.*

³⁹ “I Cugini... D'Italia”. *Guerra Sociale*. P3. 1 de maio de 1916. Nossa tradução.

transnacional.⁴⁰

No Brasil do início do século XX, as áreas rurais ainda representavam grande maioria da concentração desses trabalhadores.⁴¹ Não obstante, o avanço industrial, atrelado à grande recepção de pessoas nesses ambientes, resultava o rápido crescimento dos centros urbanos. A República, proclama em 1889, recém-saída de um sistema fortemente ancorado no escravismo, se conectava aos ascendentes da produção cafeeira e industrial que começava a deter grande poder político.⁴² Aglutinados em regiões fortes na concentração dessa economia, como São Paulo, atraíam uma grande população de trabalhadores, majoritariamente composta por tais imigrantes, mas também com a presença da população nativa, junção que marcava a especificidade na identidade na formação da classe trabalhadora na cidade.⁴³

As classes proletárias e subalternas sofriam com as condições precárias de moradia e trabalho, acompanhados por mecanismos repressivos por parte das autoridades e pela exclusão das decisões do desenvolvimento político institucional, que barravam as tentativas de transformação dessas contradições.⁴⁴

Nesse período, a disseminação de livros, panfletos, símbolos e a circularidade personagens de orientação socialista ou práticas mutualistas de formas diversas, assinalavam a presença em diversas partes do país.⁴⁵ Na capital paulista, tais condições, forneceram condições para a aparição e proliferação dos ideários anarquistas. O grupo em torno do jornal *L'asino Humano*, por exemplo, deixava sua presença atuante no *Centro Socialista Internazionale*, em atividade desde 1893, que agregava a participação

⁴⁰ Ver HIRSCH, Steven; VAN DER WALT, Lucien (org.). *Op.cit.*

⁴¹ WELCH, Clifford Andrew. *A semente foi plantada: as raízes paulistas do movimento sindical camponês no Brasil, 1924-1964*. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p.47-91.

⁴² Ver CARONE, Edgar. *A República Velha – Instituições e classes sociais*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972. p.153-159

⁴³ SIQUEIRA, Uassyr de. *Entre sindicatos, clubes e botequins: identidades, associações e lazer dos trabalhadores paulistanos (1890-1920)*. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2008. p.104-132.

⁴⁴ Godoy revela que a “instalação do regime de trabalho livre de forma generalizada de relação de produção, sob uma massa de trabalhadores imigrantes e ex-escravos, foi objeto de regulamentação republicana, indicando que ao controle político se conjunaram formas de controle social. O Código Penal de 1890 praticamente celebrou a obrigatoriedade do trabalho, ao estabelecer prisão celular contra os “vadios” (artigo 399). O mesmo código também criminalizou a greve (artigos 204 ao 206), determinou os usos ilegais “das artes tipográficas” (artigos 382,383 e 387) e a ocorrência de crimes políticos “contra a segurança interna da República”, como os de conspiração (artigo 115), de ajuntamento ilícito (artigo 119) e de formação de “sociedades secretas” (artigo 382). À exceção dos usos ilegais das “artes tipográficas”, para os quais estava prevista a aplicação de multas varáveis, a totalidade dos demais crimes seria punida por “prisão celular” ou por esta acrescida de uma multa. Estes dispositivos foram contextualmente manobrados pelas autoridades públicas para perseguir e coibir manifestações reivindicativas de variados matizes, principalmente das classes populares nos meios urbanos.” Idem. p.70-71.

⁴⁵ Ver BIONDI, Luigi. *Op.cit.* 2011.

de socialistas com ramificações políticas diversas.⁴⁶ Um dos primeiros periódicos de aproximação aos ideais libertários na cidade, o *Gli Schiavi Bianchi*, publicado desde 1892, conseguiu tiragens consideráveis e a conseqüente atenção dos aparatos repressivos do Estado. De acordo com a autora Claudia Leal, a preocupação das autoridades com a publicação do periódico, além do medo da “anarquia” assombrando outros países desde XIX e conseqüentemente alertando a polícia de diversos destes, poderia ser derivada também da recepção de suas críticas dirigidas às situações degradantes que os trabalhadores, no campo e na cidade, passavam ao se estabelecer no Brasil. Para Leal,

Como sugere o título do jornal – os escravos brancos -, o objetivo do seminário era atender a colônia de imigrantes italianos, “os escravos brancos” trazidos para substituir os escravos recém libertos. A própria comparação da condição entre os trabalhadores europeus livres e vindos voluntariamente para o Brasil e os africanos sequestrados de sua terra natal e submetidos ao trabalho compulsório já adiantava o tom de denúncia que o jornal propunha veicular.⁴⁷

Além disso, o jornal possuía redes de correspondência internacionais, estabelecendo contato com grupos e jornais anarquistas de outras cidades, como Nova York e Buenos Aires, figurando o internacionalismo prático dos grupos anarquistas. No entanto, para Clayton Godoy, essas primeiras experiências da presença anarquista na cidade, apesar de já contarem com articulações internacionais, estavam ancoradas principalmente através de associações étnicas, principalmente de regiões italianas. Desse modo, para o autor, os ativistas anarquistas tinham redes de contato bem definidas mas falharam em desenvolver uma atuação mais coerente com os problemas locais.⁴⁸

Embora estivessem marcados por essa tendência, as associações de caráter étnico não eram uma particularidade do movimento anarquista. Para o historiador Luigi Biondi, algumas sociedades de socorro mútuo, ligas sindicais e grupos políticos comumente se associavam com membros que se reconheciam através de locais de origem ou língua comum. Alguns bairros tinham uma presença marcante e até esmagadoramente maior de imigrantes, que por sua vez, se viam isolados, juntamente com boa parte da população, da política institucional, e nesse sentido, tal tendência facilitava os processos de organização política e sindical, em um primeiro momento. De

⁴⁶ LEAL, Claudia. *Pensiero e Dinamite: Anarquismo e repressão em São Paulo nos anos de 1890*. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2006. p. 12.

⁴⁷ Idem. p.174.

⁴⁸ Ver GODOY, Clayton. Op.cit., p.80-132.

fato, em outros casos, esse ideário pode ter emperrado movimentos de resistência mais amplos, levando em conta a heterogeneidade do composto dos trabalhadores em outras regiões. Porém, a pesquisa de Biondi revela que tal caráter não necessariamente excluía outros tipos associações, como de ofício, contando com uma forte interpretação de resistência classista, tendência que será reforçada nas próximas décadas, na cidade, acompanhando as estratégias anarquistas.⁴⁹

Nesse movimento, a partir do século XX, o crescimento das cidades, as próprias condições impostas a uma população em potencial avanço em numérico, a condição de vida dos trabalhadores, a migração interna dos campos para a cidade e a circulação de reclamações, através de instrumentos comunicacionais como a imprensa e outros, resultaram na intensificação das formas associativas e de resistência política englobando o conjunto desses trabalhadores que começavam a vivenciar experiências comuns.⁵⁰

Para compreendermos esse processo, o autor Mike Savage afirma que é necessário dosarmos com ponderação as contribuições dos estudos marxistas mais clássicos, que visavam o estudo das transformações econômicas, com as pontuações dos estudos que versam sobre a constituição do processo de trabalho em si (como os weberianos), além daqueles que pontuam as atividades culturais das classes subalternas. Nesse sentido, visando alargar o conceito de caracterização da classe operária e conseqüentemente os seus comportamentos, entre eles os políticos, o autor propõe a observação sobre os fatores gerais e particulares que circulam sobre a *insegurança estrutural* vivida pelos personagens analisados, uma que vez que

Na sociedade capitalista, a retirada dos meios de subsistência das mãos dos trabalhadores significa constrange-los a acharem estratégias para lidar com a agudeza da vida diária, que deriva de seu estado de impossibilidade de reprodução autônoma e sem o apelo de outras agências. Essa formulação nos possibilita reconhecer certas pressões estruturais sobre a vida operária, embora também pontue a urgência de examinarmos a enorme variedade de táticas que os trabalhadores podem escolher para cuidar de seus problemas.⁵¹

Ou seja, os fatores econômicos ou macro-sociais não geram comportamentos quase automáticos, mas sim, devemos ter em conta que, sem ignorar estes fatores, que grupos e indivíduos interpretaram momentos de insegurança mediatizados por uma rede social. Em diversos casos, isso proporcionará estratégias para tencionar seus problemas.

⁴⁹ Ver BIONDI, Luigi. *Classe e Nação: trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo, 1890-1920*. Campinas- São Paulo: Editora da Unicamp, 2011. p.386.

⁵⁰ TOLEDO, Edilene. *Op.cit.*, p.36-37

⁵¹ SAVAGE, Mike. “Classe e História do Trabalho.” In: BATALHA, Claudio; SILVA, Fernando Teixeira; Fortes, Alexandre (org). *Op. Cit.* p.33

Para o autor, ainda, uma sensibilidade no estudo espacial de determinados grupos inseridos em seus contextos pode revelar, “*de modo mais sofisticado os complexos elos entre estruturas de classe, formação demográfica de classe e formas de mobilidade política.*”⁵² Nesse caso, os mediadores espaciais, ou seja, personagens que, inseridos na mesma estrutura econômica, mas que foram privilegiados em mobilizar, mediar ou estar em contato com diversas dessas interpretações de resistência podem “*vir ter a um papel chave na geração de formas de mobilização política.*”⁵³

As orientações fornecidas pelo autor, elucidam os motivos da mudança de rumos que o movimento anarquista daria nas cidades, penetrando, de forma considerável, entre o gradiente de orientações étnicas e culturais presentes na classe proletária na cidade de São Paulo. A historiografia biográfica ou especializada sobre impressos anarquistas evidenciam que foram importantes, de fato, por esse advento, os ativistas que detinham grande capacidade de mobilidade.⁵⁴ Entre eles estavam o português Neno Vasco, os italianos Oresti Ristori, Giulio Soreli, Gigi Damiani, Luigi Magrassi, Angêlo Bandoni, Alessandro Cerchiai e também outros nascidos no país como Benjamin Mota, Edgard Leuenroth, José Oiticica, Mota Assunção, Domingo Passos, Astrojildo Pereira, Isabel Cerruti e João Crispim. Tais militantes participaram das atividades de reivindicação nas cidades, denunciando a exploração da mão-de-obra nas fábricas e fazendas e incentivando a organização sobre o espectro da ação direta, estabelecendo conexões entre diversas associações entre São Paulo e Rio de Janeiro e outras partes do mundo, como Argentina, Itália e Portugal.⁵⁵

Jornais que faziam militância operária com orientação anarquista começavam a exercer forte influência entre o movimento operário. *O Amigo do Povo*, a partir de 1902, o primeiro periódico anarquista em língua portuguesa em São Paulo com regularidade considerável, estimulava os movimentos classistas e às associações de caráter sindical. Seus principais redatores, envolvidos também com atividades educativas, através dos anos, assumia também sua clara tática *organizacionista*, ligados à defesa do sindicalismo de orientação revolucionária e com a preocupação deste em aderir

⁵² Idem. p.40-41.

⁵³ Ibidem. p.42

⁵⁴ Como os casos de SAMIS, Alexandre. *Op.cit.*, 2009, ROMANI, Carlo. *Op.cit.*, 1998 e TOLEDO, Edilene. *Op. cit.*, 1994.

⁵⁵ Ver TOLEDO, Edilene; BIONDI, Luigi. “Constructing Syndicalism and Anarchism Globally: the transnational making of the syndicalist movement in São Paulo, Brazil 1895-1935.” In: Steven Hirsch; Lucien Van der Walt. (Org.). *Op.cit.*, 389-416.

tradições combativas na cidade.⁵⁶ Para os redatores do periódico, a organização com vias revolucionárias pela ação direta (fora do espectro parlamentar) e a luta de ganhos materiais pelos movimentos sociais existentes estariam imbricados, e a associação prática seria o resultado dessa junção. Nesse caso,

Devemos... favorecer todas as lutas por liberdades parciais: na luta aprende-se a lutar e quem começa a saborear um pouco de liberdade acaba por querê-la toda. Estejamos sempre com o povo, procuremos ao menos que pretenda alguma coisa e que esse pouco ou muito que queira, o queira conquistar por si mesmo. (...) Contra o governo, que tem exércitos e polícias, não se faz guerra de argumentos, que o não convencem: a luta é toda física, material. (...)⁵⁷

No Rio de Janeiro essa tendência já estava sendo levada a cabo desde o início do século, onde a classe trabalhadora já era formada em grande parte por ex-escravos. Diferente de São Paulo, onde as ligações étnicas eram mais fortes, nessa cidade, desde 1898, recebia a criação dos jornais *O Despertar* e *O Protesto*. Esse último, em especial, sobre a direção de Mota Assunção, militante e colaborador nas duas regiões, tentava unir os ideários libertários com os movimentos sociais e reivindicatórios já existentes nas cidades, impulsionando as organizações dos “tecelões, chapeleiros, pintores, barbeiros, padeiros e empregados nos bondes” incentivando seus ganhos materiais, mas dessa vez inflamando a potência revolucionária de caráter federalista libertária no interior desses.⁵⁸

Desse modo, se as ligações étnicas e a disseminação de movimentos exteriores eram, de fato, inegáveis tendências, esse fato não cancelou por completo a recepção desses ideários por movimentos já existentes ou por embates constituídos anos anteriores. O historiador Marcelo Badaró Mattos, afirma, no caso específico do Rio de Janeiro, não foram raros os casos de indivíduos, ligados anteriormente aos movimentos abolicionistas ou republicanos, se juntassem na construção dos organismos trabalhistas de revelo, inclusive de intenção socialista ou revolucionária. Para Mattos,

os trabalhadores assalariados, que compartilhavam espaços de trabalho e de vida urbana com os escravizados, atuaram coletiva e organizadamente pela sua libertação, demonstrando que este tipo de solidariedade na luta pela liberdade era parte do arsenal de valores da nova classe em formação. Tipógrafos abolicionistas, tipógrafos republicanos, tipógrafos socialistas. [...]Tais trajetórias e seus cruzamentos foram possíveis porque trabalhadores escravizados e livres partilharam formas de organização e de luta, gerando

⁵⁶ SAMIS, Alexandre. *Op.cit.*, p. 89-90.

⁵⁷ “O que queremos IV.” *O Amigo do Povo*, 7 de junho de 1902; Citado em OLIVEIRA, Antoniette. *Op.cit.*, 33.

⁵⁸ SAMIS, Alexandre. *Op.cit.*, 2009. p.106.

valores e expectativas comuns, que acabariam tendo uma importância central para momentos posteriores do processo de formação da classe.⁵⁹

É evidente que no Rio de Janeiro a demanda de ex-escravos foi particularmente maior, no entanto, tais sugestões podem evidenciar que o movimento sindical e suas respectivas orientações políticas em seu interior não eram algo exógenos ou estanques da realidade dos movimentos sociais em várias partes do Brasil. Mesmo movimento se deu na construção dos veículos de divulgação dessas ideias e comportamentos como no caso do *Amigo do Povo*, *O Despertar* e *O Protesto*, aglutinando personagens de diversas escalas regionais, nascidos no país e imigrantes, almejando exercer suas atividades aos movimentos já existentes e tentando articular associações que foram formadas antes do início de suas publicações.⁶⁰ Para Ilka Cohen, o gênero da imprensa operária, especialmente as que difundiam ideários revolucionários, difere muito da imprensa lucrativa ou positivista, também comuns naquele período. Assim, apesar de ambas vertentes estarem ligados aos avanços das tecnologias industriais, no caso tipográficas, o discurso da imprensa operária “*constituía verdadeiro contraponto à visão educadora do progresso (do projeto progressista desde o final d século XIX) oferecida pelas revistas de variedade*”⁶¹, nascendo, portanto, no “*bojo do desenvolvimento industrial, fruto da necessidade de defesa dos interesses dos trabalhadores frente aos padrões de exploração imperantes.*”⁶²

Com o crescimento das associações sindicais e da imprensa operária, dessa maneira, oferecendo condições favoráveis, e acompanhando uma tendência global, os anarquistas que contavam com as estratégias *organizadoras* ganhavam seu espaço. Embora nas cidades, debates acalorados pairavam sobre as formas de atuação dos libertários frente ao sindicalismo.⁶³ Esse grupo, embora com fortes ligações

⁵⁹ MATTOS, Marcelo Badaró. “Trajetórias entre fronteiras: o fim da escravidão e o fazer-se da classe trabalhadora no Rio de Janeiro.”. In: *Revista Mundos do Trabalho*, vol.1, n. 1, janeiro-junho de 2009. p. 61-64

⁶⁰ LEAL, Claudia Baeta., *Op.cit.*, 1999. p.54-55

⁶¹ COHEN, Ilka. “Diversificação e segmentação dos impressos.” MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.p.120

⁶² Idem.

⁶³ A autora Edilene Toledo mostra que “o grupo anarquista do jornal *A Terra Livre* acusava os anarquistas adeptos do sindicalismo revolucionário, que se reuniam em torno do jornal *Il Libertário*, dirigido por Sorelli, de terem abandonado o anarquismo. O jornal *A Terra Livre* argumentava que era necessário estar em meio aos trabalhadores, mas para fazer propaganda do anarquismo e não para lutar por um programa mínimo de conquistas, seguindo as ideias do *anarcocomunismo* de Malatesta, que vimos no primeiro capítulo. Os sindicalistas de *Il Libertário* respondem que viam nas associações, além das conquistas imediatas, uma escola de consciência e, sobretudo, um terreno de luta real e que não acreditavam errar ao participar do movimento operário, ainda que este não correspondesse as ideias anarquistas. Os anarquistas

internacionais, também tentava mostrar que o anarquismo não era uma um movimento estanque da realidade brasileira, ou fruto da vinda de “*estrangeiros incorrigíveis ou perigosos*”⁶⁴, como algumas autoridades e outros periódicos ligados aos grupos mais abastados defendiam.⁶⁵

Dessa posição, um dos militantes de destaque foi Gregório Nazianzeno de Vasconcelos, nome verdadeiro de Neno Vasco. Nascido em Portugal no ano de 1878, veio, com oito anos de idade, para São Paulo com sua família. Voltou para seu país de origem para concluir seus estudos como bacharel em direito. Após isso, em 1900, começou a se envolver com atividades militantes denunciando as arbitrariedades da polícia e a escrever em diversos periódicos, entre eles os republicanos. Com seu retorno a São Paulo em 1901, firma seu contato com militantes anarquistas e estabelece íntimas relações com o movimento operário da cidade. Daí em diante, Vasco passou a apoiar o sindicalismo como tática importante entre os anarquistas para a construção de uma nova sociedade.⁶⁶Vasco escreve em sua obra:

Se procurarmos, não as origens filosóficas do ideal anarquista, nem a filiação do sentimento libertário nas revoltas e aspirações populares do passado – porque isso perde-se vagamente na noite dos tempos – mas sim no aparecimento dum movimento anarquista definido, do anarquismo operário com todas as características essenciais que tem hoje, vamos encontrá-lo sindicalista antes do termo, no seio da Internacional e das associações internacionais que Bakunin foi o principal inspirador...⁶⁷

Como tática indispensável, o anarquismo deveria, para o militante, estabelecer formas de organização interna entre os grupos, mas, ao mesmo tempo, se associar com as entidades trabalhistas a fim de congregá-los contra as contradições do sistema social que estavam.

Além dos instrumentos de comunicação, esses agentes estavam infiltrados nos órgãos de reclamação social, inclusive de envergadura nacional. Esse caráter foi demonstrado na construção da *C.O.B (Confederação Operária Brasileira)*, iniciativa altercada no *Primeiro Congresso Operário Nacional*, principalmente pela experiência das associações sindicais do Rio de Janeiro, entre eles a FORJ, herdeira da Federação

do *La Battaglia*, no mesmo período, afirmavam que não era possível equilibrar as teorias anarquistas com a prática sindicalista.” TOLEDO, Edilene. *Op.cit.*, 2004. p.298

⁶⁴ Cógido Penal citado em LEAL, Claudia. *Op.cit.*, 2006. p.76.

⁶⁵ SAMIS, Alexandre. *Op.cit.*, 2009. p.106.

⁶⁶ Para adentrar a trajetória e posições de Neno Vasco ver SAMIS, Alexandre. *Op.cit.*, 2009.

⁶⁷ VASCO, Neno. *Concepção anarquista do sindicalismo*. Edições afrontamento, 1984. p. 75. Grifo nosso.

Operária Regional, também impulsionada por socialistas e anarquistas desde o fim do século XIX.⁶⁸

A C.O.B, com limitações para se constituir nacionalmente, se esforçava para coordenar e ligar as associações trabalhistas de várias regiões do Brasil, como São Paulo, Distrito Federal, Rio Grande do Sul, Ceará e Pernambuco. Para a autora Edilene Toledo, a confederação “*era formada por federações nacionais de indústria ou de ofício, uniões locais e estaduais de sindicatos, sindicatos isolados em locais onde não existiam federações ou de indústrias e ofícios não federados.*”⁶⁹

Estiveram presentes no congresso quarenta e três delegados representando vinte e oito associações que apresentavam, no seu interior político, ativistas de orientações diversas, entre esses reformistas, socialistas e também muitos sindicalistas que se reivindicavam pragmáticos.⁷⁰ Igualmente, não é difícil perceber a forte movimentação de personagens com clara posição libertária. Representando São Paulo e Rio de Janeiro, por exemplo, estavam presentes Edgard Leuenroth, Astrojildo Pereira, João Crispim, Luigi Magrassi, Giulio Sorelli, Motta Assunção e outros, exercendo posições relevantes como organizadores.⁷¹ A confederação também, dessa maneira, estreitava as ligações de militantes no interior de famílias políticas, como os anarquistas de diversas regiões. Essa mesma sombra da atividade anarquista pairava sobre as publicações do jornal *A Voz do Trabalhador*, escolhido como porta-voz desse organismo.⁷²

Nas resoluções da C.O.B, o projeto articulado e discutido por variadas redes militantes, parecia encaixar perfeitamente em uma tendência levado adiante e tencionado por diversos anarquistas no período. Longe de defender um vínculo explícito com a ideologia anarquista, a maioria dos ativistas presentes defendiam a ideia de um sindicato livre de conceitos partidários, com clara posição de ação direta, autogestão e federalismo, muito parecida com as resoluções da C.G.T francesa.⁷³ Assim, para Neno Vasco

⁶⁸ SAMIS, Alexandre. *Op.cit.*, p.113-119.

⁶⁹ TOLEDO, Edilene. “Para a união do proletariado: a Confederação Operária Brasileira, o sindicalismo e a defesa da autonomia dos trabalhadores no Brasil na Primeira República.” In: *Perseu: história, memória e política*. N.10, Ano 7, Dezembro 2013. p.14.

⁷⁰ Idem. p.17.

⁷¹ SAMIS, Alexandre. *Op.cit.*, 2009. p.114.

⁷² Idem. p.116.

⁷³ Para Samis “via-se aí, não apenas o fracasso das pretensões reformistas, como também a permanência das teses defendidas por Bakunin na Internacional. O assistencialismo, marca do reformismo, caía derrotado; as presidências eram substituídas por comissões administrativas, também na discussão sobre a “organização”; no quesito “ação operária” a luta pelas oito horas se sobrepunha à do aumento salarial.” SAMIS, Alexandre. *Op.cit.*, 2009. p.115.

O Congresso não foi, de certo, uma vitória do anarquismo. Não o devia ser. A Internacional, desfeita por causa das lutas de partido no seu seio, deve ser memorável lição para todos. Se o Congresso tivesse tomado caráter libertário, teria feito obra de partido, não de classe. O nosso fim não é constituir duplicatas dos nossos grupos políticos. Mas se o Congresso se não foi, a vitória do anarquismo, foi, porém, indiretamente útil à difusão das nossas idéias.⁷⁴

Tal posição, análoga a de Malatesta, encontrada posteriormente no Congresso Anarquista de Amsterdã em 1907, tinha como intenção agregar trabalhadores de ofícios, regiões e ideologias diversas, transformando os organismos de coordenação sindical especialmente para a luta econômica, e por consequência, em um excelente espaço de propaganda ou mesmo possibilitando a infiltração, por meio de redes e articulações, dos anarquistas.⁷⁵ Como vimos, Esses anarquistas também acreditavam que o sindicato seria um dos ambientes, bem como uma das estratégias a ser seguidas pelos seus grupos liberários. Da mesma forma não negavam sua tendência ao reformismo, mas acreditavam, por essa mesma razão, sobre o prisma das estratégias *organizacionistas*, que era imprescindível o trabalho anarquista nesses, onde defendiam seu caráter pela luta material imediata, mas ao mesmo tempo tencionavam outras ideologias que também se infiltravam.

Considerações finais

Mesmo diante de adversidades em construir laços e organismos sólidos, fatores não explorados nesse artigo, é interessante notar que a forte disseminação dos grupos anarquistas, especialmente em São Paulo e no Rio de Janeiro, tem evidentes paralelos com a própria construção do movimento operário nestas cidades, estes que também tinham correspondências com outros pontos da América do Sul e do continente europeu. A C.O.B, por exemplo, utilizava a influência de projetos exteriores, como a C.G.T na França e a Confederação Geral do Trabalho na Itália,⁷⁶ não obstante, sobre a língua de seu contexto e demandas particulares, criava outras performances e propostas específicas, que abriam discussões sobre o andamento do movimento operário em âmbito global, inclusive com conexões, por exemplo, na Argentina e Portugal, onde as

⁷⁴ VASCO, Neno. *A Terra Livre*. 13 de agosto de 1906. Citado em SAMIS, Alexandre. *Op.cit.*, 2009. p.116. grifo nosso.

⁷⁵ MALATESTA, Errico. *Escritos revolucionários*. Tradução Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Imaginário, 2000.

⁷⁶ Ver TOLEDO, Edilene. *Op.cit.*, 2013. p.13.

estratégias do sindicalismo revolucionário também se faziam presentes.⁷⁷ Sobre esse último caso, Neno Vasco, nesse intuito, ao retornar para as regiões lusitanas a partir de 1911, encaminhava as perdas e ganhos do movimento em que participou no Brasil, afirmando que

Agora, os fatos devem forçar a C.G.T a fazer-se , sem se tornar confessional ou sectária, seja animada pelo espírito de liberdade e autonomia e se inspire nos verdadeiros interesses gerais do proletariado. Se tal fizer, como é bem provável, terá em torno as organizações sindicalistas da Inglaterra, da Itália, da Espanha, de Portugal, da América do Norte e de toda a América do Sul, belo reservatório de energias futuras.⁷⁸

Como percebido, o militante não estava apenas se referindo à entrada de partidos nos sindicatos de orientação revolucionária, mas também estava preocupado com os danos que Primeira Guerra Mundial trouxe a entidades sindicais como a C.G.T na França, dividindo e contrapondo os militantes através de suas respectivas nações de nascimento. Dessa forma, através de sua trajetória, Vasco incluía, como muito importante, a participação e a experiência dos organismos sindicais também das regiões do Atlântico Sul, em um espectro anti-imperialista e contrário aos conflitos nacionais, atitude que também refletia as fortes ligações transnacionais de continuidade organizativa, de forma prática.⁷⁹

Referências Bibliográficas

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. *Under three Flags: anarchism and the anti-colonial imagination*. London: Verso, 2005.

BATALHA, Claudio; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre(orgs). *Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

BIONDI, Luigi. *Classe e Nação: trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo, 1890-1920*. Campinas- São Paulo: Editora da Unicamp, 2011.

⁷⁷ De acordo com Romani, estreita relação a *F.O.R.A* e o grupo de *La Protesta* tinham com os militantes anarquistas do Brasil. ROMANI, Carlo. *Op.cit.*, 153. No caso de Portugal, Alexandre Samis análise as conexões na militância envolvida sindical envolvida com Neno Vasco, ativista luso-brasileiro. Ver SAMIS, Alexandre. *Op.cit.*, 2009

⁷⁸ VASCO, Neno. “De porta da Europa: Uma nova Internacional”. *A Lanterna*, 3 de outubro de 1914. p.1

⁷⁹ SAMIS, Alexandre. *Op.cit.*, p.173-183.

_____. *La stampa anarchica in Brasile: 1904-1915*. Tese de Láurea defendida junto ao Departamento de História Contemporânea da Università di Studi di Roma “La Sapienza”, 1993-1994.

CARONE, Edgar. *A República Velha – Instituições e classes sociais*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.

CERTEAU, Michel de. “A operação historiográfica”. In: *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 65-119.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: Cortiços e Epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

COLOMBO, Eduardo et alli. *História do Movimento Operário Revolucionário*. São Paulo: Imaginário, 2004.

CORRÊA, Felipe. *Rediscutindo o anarquismo: uma abordagem teórica*. Dissertação (Mestrado em Mudança Social e Participação Política). Universidade de São Paulo: EACH, São Paulo, 2012.

_____. *Ideologia e Estratégia: Anarquismo, movimentos sociais e poder popular*. São Paulo: Editora Faisca, 2011.

_____. “Questões organizativas do anarquismo”. In: *Espaço Livre*. Vol. 8, num. 15, jan. jun./2013. p.33-48.

CRUZ; Heloisa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana -1890-1915*. São Paulo: EDUC, FAPESP, 2000.

DEMINICIS, Rafael; FILHO, Daniel Aarão Reis (orgs.). *História do Anarquismo no Brasil (volume um)*. Rio de Janeiro: MAUAD, 2006.

FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. *A formação das tradições (1889-1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

GODOY, Clayton Peron. *Ação Direta: transnacionalismo, visibilidade e latência na formação do movimento anarquista em São Paulo (1892-1908)*. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade de São Paulo, 2013.

HIRSCH, Steven; VAN DER WALT, Lucien (org.). *Anarchism and Syndicalism in the Colonial and Postcolonial World, 1870-1940: The praxis of national liberation, internationalism and social revolution*. Leiden, Brill, 2010.

LEAL, Claudia. F.B. *Anarquismo em verso e prosa: literatura e propaganda na imprensa libertária em São Paulo (1900-1916)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1999.

_____. *Pensiero e Dinamite: Anarquismo e repressão em São Paulo nos anos de 1890*. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2006.

LINEBAUGH, Peter; REDIKER, Marcus. *A hidra de muitas cabeças: marinheiros, plebeus e a história oculta do Atlântico revolucionário*. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

LOPREATO, Christina Roquette. *O Espírito da Revolta: a greve geral anarquista de 1917*. São Paulo: Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1996.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

MATTOS, Marcelo Badaró. “Trajetórias entre fronteiras: o fim da escravidão e o fazer-se da classe trabalhadora no Rio de Janeiro.”. In: *Revista Mundos do Trabalho*, vol.1, n. 1, janeiro-junho de 2009.

OLIVEIRA, Tiago. B. *Anarquismos, sindicatos e revolução no Brasil (1906-1936)*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2009.

ROMANI, Carlo. *Oresti Ristori: Uma aventura anarquista*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1998.

SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo 1970-1980*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

SAMIS, Alexandre. *Clevelândia: anarquismo, sindicalismo e repressão política no Brasil*. São Paulo: Imaginário, 2002.

_____. “*Minha pátria é o mundo inteiro*”: Neno Vasco, anarquismo e as estratégias sindicais nas primeiras décadas do século XX. Tese (doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2009.

_____. *Negras Tormentas: o federalismo e o internacionalismo na Comuna de Paris*. São Paulo: Hedra, 2011.

SCHMIDT, Michael; VAN DER WALT, Lucien. *Black Flame: the revolutionary class politics of anarchism and syndicalism*. Oakland: Ak Press, 2009.

SFERRA, Giusepina. *Anarquismo e Anarcossindicalismo*. São Paulo: Ática, 1982.

SILVA, Rafael Viana da. *Indelévels Refratários: as estratégias políticas anarquistas e o sindicalismo revolucionário no Rio de Janeiro em tempos de*

redemocratização (1946-1954). Dissertação (Monografia em História). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

SIQUEIRA, Uassyr de. *Entre sindicatos, clubes e botequins: identidades, associações e lazer dos trabalhadores paulistanos (1890-1920)*. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2008.

TOLEDO, Edilene. *Amigo do Povo: grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1994.

_____. “Para a união do proletariado: a Confederação Operária Brasileira, o sindicalismo e a defesa da autonomia dos trabalhadores no Brasil na Primeira República.” In: *Perseu: história, memória e política*. N.10, Ano 7, Dezembro 2013. p.11-32.

_____. *Travessias Revolucionárias: ideias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890 – 1945)*. Campinas: Unicamp, 2004.

TRENTO, Angelo. *Do outro lado do Atlântico: Um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo, Nobel, 1988.

VAN DER LINDEN, Marcel. “História do Trabalho: O Velho, o Novo e o Global”. In: *Revista Mundos do Trabalho*, v.1, n.1. 2009.

_____. *Trabalhadores do Mundo: Ensaio para uma história global do trabalho*. Campinas – Sp, Editora da Unicamp, 2013.

VAN DER WALT, Lucien. “Negro e Vermelho: anarquismo, sindicalismo revolucionário e pessoas de cor na África Meridional nas décadas de 1880-1920.” In: *Revista Mundos do Trabalho*, vol. 2, n. 4, agosto-dezembro de 2010, p. 174-218.

WELCH, Clifford Andrew. *A semente foi plantada: as raízes paulistas do movimento sindical camponês no Brasil, 1924-1964*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

Obras teóricas

BAKUNIN, Mikhail Alexandrovich. *Catecismo Revolucionário: Programa da Sociedade da Revolução Internacional*. São Paulo: Imaginário/ Faísca, 2009.

BAKUNIN, Mikhail. *Escrito contra Marx: conflitos na Internacional*. Brasília: novos tempos, 1989.

FABBRI, Luigi. *A Organização Anarquista. Excertos*. São Paulo: Editora Fáiça, 2013.

MALATESTA, Errico. *Escritos revolucionários*. Tradução Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Imaginário, 2000.

VASCO, Neno. *Concepção anarquista do sindicalismo*. Edições afrontamento, 1984